

Diversão & Arte



» ANA CAROLINA ALVES
» PEDRO IBARRA

Existem sons, cheiros e cores que contam histórias. No Brasil, é possível conhecer muito sobre a sociedade pela música. Nessa linha de raciocínio vem o álbum *Mundo afro*, um disco que se propõe a unir os ritmos de sete das mais importantes instituições afro de Salvador em um só lugar.

O trabalho tem Filhos de Gandhi, Ilê Aiyê, Olodum, Malê Debalê, Muzenza, Didá e Cortejo Afro em uma trajetória de 21 faixas gravadas em lugares abertos e pensada como uma caminhada pela história e sonoridade de Salvador e da Bahia e também como um registro da cultura e memória da música baiana e brasileira.

A produção e o registro fonográfico são assinados pelo maestro arranjador e produtor Alê Siqueira, um paulista formado na Unesp que foi para Salvador trabalhar com Carlinhos Brown há 25 anos, se apaixonou pela cidade e nunca mais voltou para São Paulo. Aficionado pela percussão, ele já vinha fazendo um longo trabalho com os grupos e blocos e encontrou nesse projeto a possibilidade de dar um próximo passo. "Eu acredito num mundo de menos teclado e mais surdos e repiques, de menos inteligência artificial e mais inteligência artesanal do fazer todo mundo junto e do processo colaborativo", clama.

O produtor verdadeiramente acredita que o disco é um convite para conhecer a cidade de Salvador e o estado da Bahia. "Ao mesmo tempo que você pode contar a história de todas as culturas pelo viés da culinária, eu acho que também é possível, falando antropologicamente, ou até, no nosso caso, etnomusicologicamente, contar a história das culturas dos povos de todos os tempos, de todos os lugares, por meio das matrizes rítmicas", explica. "As matrizes africanas são fundamentais para a formação da cultura baiana. Elas são dos alicerces do que a gente entende como Bahia", crava.

Siqueira lembra que a origem do samba é o Recôncavo Baiano. Portanto, para ele, o *Mundo afro* pode explicar muito mais do que só Salvador por meio desses ritmos também. "Os ritmos são uma linguagem comum a todos os povos, principalmente por conta da diáspora. Então, você tem matrizes africanas como essas que foram parar em todos os lugares do

NAS BATIDAS DO CORAÇÃO AFROBRASILEIRO

ÁLBUM AFRO
UNE SETE DOS MAIS
IMPORTANTES BLOCOS
DE SALVADOR E
CUIDA DA MEMÓRIA
DA CIDADE POR
MEIO DA MÚSICA

Brasil e do mundo", destaca o especialista.

Contudo, o principal ponto desse disco talvez esteja no trabalho de deixar registros dessa cultura e dessas instituições para a posteridade. "Eu acho que tem esse lugar, esse papel, essa função da documentação", diz Siqueira que encontra dois grandes motivos para fazer essas gravações. Primeiro, porque, esteticamente, é um mega, ultra-aprendizado acompanhar os ritmos, as melodias, as frases todas, as polirritmias, os instrumentos utilizados e as afinações. Quanto mais registros, mais materiais, temos uma maneira de conseguir passar adiante essa riqueza estética", inicia. "O segundo é um posicionamento de resistência social e política, sobre o lugar de fala deles, lutar contra esse apagamento que já vem há décadas", conclui.

Dessa forma, não é ideia do produtor ser um protagonista dessa história. Alê Siqueira quer ver os olhos dos mestres e dos presidentes de blocos brilhando a o perceberem que esse espaço está sendo dado, que essas narrativas estão ganhando plataformas. "A gratificação, que eu brinco que são os prêmios que eu gosto de ganhar, são os feedbacks que eu tive da turma me ligando e falando como estava bom. Os mestres me ligando, agradecendo, emocionados. Isso é o que

vale", afirma o artista, que soma isso com o amor que sente pela percussão. "É o que mais me alimenta a alma. É trabalhar com percussão. Engraçado isso, porque vai para o lado do transe, da visceralidade, do primeiro, da primeiridade mesmo. É estar menos no cérebro e mais no coração e nas vísceras e na alma", exalta.

As histórias contadas

O primeiro bloco afro fundado no Brasil, em novembro de 1974, foi o Ilê Aiyê, que faz parte do álbum *Mundo Afro*. O grupo tem, como principal característica, a valorização da estética do povo negro como forma de manifestação política e cultural, além de empenhado na construção de uma identidade da comunidade e na luta contra o racismo.

Para o álbum, o grupo produziu *Matriarca do Curuzu*, em homenagem à Hilda Jitolu, mentora espiritual do grupo e mãe de santo dos principais dirigentes do Ilê. *Nzinga Brasileira*, uma outra homenagem, dessa vez para Lélia Gonzalez, grande militante do movimento negro. Por fim, *Filhos do Barro Preto*, uma música em homenagem à Senzala do Barro Preto, sede do grupo e maior centro cultural da América Latina. Para o mestre do Ilê, Mario Pam, as músicas do álbum são "músicas que educam,

músicas que divertem, mas também músicas que fazem manifesto", afirma.

Olodum, uma das maiores expressões da música e da cultura baiana, também compõe o álbum. Criado em abril de 1979, seu objetivo era proporcionar uma opção organizada da comunidade de Maciel e Pelourinho para aproveitarem o carnaval. Além do ritmo, as músicas contam a história do povo e do movimento negro, além de registrar a realidade da comunidade do Centro Histórico. As faixas presentes são *Olodum Firme na Estrada*, *Olodum Fulalá*, e *Dumdum O Pulso Toque do Olodum*, para finalizar o álbum.

O Mestre do grupo, Elpídio, vê o projeto com uma "importância enorme", principalmente "com relação a essa canção da música afro-brasileira, por estar inserida num processo digital, que hoje em dia é vista pelo mundo inteiro, é uma visão contemporânea", complementa.

Filhos de Gandhi, o maior afoxé em atividade na Bahia, também faz parte da produção musical, e se inspira nos ideais de paz do líder indiano Mahatma Gandhi, dando origem ao nome do conjunto. O afoxé tem como significado 'candomblé de rua' e nomeia grupos que saem pelas ruas cantando músicas da religião. Sua contribuição para o projeto vem das músicas

Alfazema, Axé, Paz e Amor, e Dandararé.

Outro conjunto que compõe o álbum é o Malê Debalê, fundado em março de 1979, por moradores do bairro Itapuã, em Salvador, na busca pela representatividade no carnaval. O nome escolhido homenageia os negros de origem islâmica responsáveis pelo maior levante de escravizados em Salvador, a Revolta dos Malês, em 1835. Com um elo forte entre dança e música com a tradição cultural afro-baiana, o grupo deixa sua marca no Mundo Afro com *Negros sudaneses*, *Que diz meu povo*, e *Sorri negão*.

Fundado em maio de 1981, o grupo Muzenza nasceu no bairro da Liberdade, com inspiração no legado cultural dos afro-jamaicanos, além do reggae e as mensagens antirracistas e libertárias do gênero. Em *Mundo afro*, *O grito da liberdade*, *Jah jah muzenza*, e *Negro lindo*, de Adailton Paixão e Zildo, marcam a participação do grupo.

Neguinho do Samba, nome essencial para a criação do samba reggae, fundou em dezembro de 1993 a primeira banda feminina de percussão, chamada Didá. Em uma homenagem à força do feminino, o grupo é formado apenas por mulheres e caracteriza a história do candomblé na Bahia. O conjunto rompe a tradição masculina da percussão baiana, desenvolvendo uma nova maneira de tocar percussão, a partir do respeito e adaptação ao corpo das mulheres. Com a música de Jorge Alfredo e João Santana, *Uma nega* e *Didá mulher guerreira*, o grupo feminino reforça sua qualidade musical no álbum.

Por fim, o último grupo que compõe o projeto é o Cortejo Afro, formado em julho de 1998. Com visual exuberante e estética vanguardista, o bloco busca desenvolver uma relação com a arte contemporânea e o intercâmbio com artistas brasileiros e internacionais. O grupo abre o álbum com a faixa *Reza benzedura* e *Simpatia*, e completa material com as músicas *Ajeumbó* e *Yabás*.

Para a liderança do bloco, Mestre Gordo: "Ver os blocos afro dentro de um disco, dentro de um LP, ali se expressando, se fortalecendo, com certeza o nosso olhar é de acreditar e de dizer: 'Ó, não vamos parar, não vamos desistir, o caminho é esse'". Ele espera que: "Que esse disco venha para inspirar não somente os blocos afro, mas todas as pessoas que possam entender a importância de todo esse trabalho cultural".

GURULINO

Humor contemplativo & espirituoso
por Pedro Sangeon

T U T O R I A L : T I R I N H A

